

Comdusa construirá novo cais para catraieiros

80

Até o final de fevereiro os 7 catraieiros que trabalham na baía de Vitória, fazendo o percurso centro-Paul e vice-versa, com seus pequenos botes, vão ganhar novos cais. Pelo menos é o que garantiu ontem o presidente da Comdusa, Antônio Miguel Peixoto, ao tomar conhecimento das reclamações dos catraieiros dando conta de que além de terem sido prejudicados com o funcionamento das lanchas, a partir de 77, os piers para embarque e desembarque não dão segurança aos passageiros.

A construção dos novos cais para os catraieiros, um em Paul e outro na avenida Beira-Mar — Peixoto decidiu ontem melhorar as condições deste último — fará parte de uma obra de melhoria que a Comdusa realizará no cais do aquaviário de Paul. Lá será feito um bicicletário, construído um bar e substituído o piso, além de outras pequenas reformas que vão custar Cr\$ 2,5 milhões.

Embora sem estipular prazo para o início da obra no cais de Paul, Peixoto disse que só está dependendo do resultado da concorrência pública que vai designar a empreiteira da obra. "Isso será realizado ainda este mês", garantiu, acrescentando que "a qualquer hora sai o nome da empresa responsável". Lembrou, por outro lado, que as obras em Paul serão rápidas.

Somente daqui a três meses, no mínimo, a Comdusa poderá contar com mais duas lanchas em funcionamento, no lugar das duas embarcações perdidas pela empresa — uma que pegou fogo em novembro do ano passado, quando saía do terminal da Prainha, em Vila Velha, para Vitória, e outra destruída por uma bomba, em dezembro último, no cais do centro.

A lancha Comdusa XI, que sofreu o incêndio, não tem condições de ser recuperada. Ela tinha capacidade para transportar até 200 passageiros e a Comdusa ainda não recebeu o valor do seu seguro, orçado na época do acidente em Cr\$ 5 milhões. Esse problema do seguro, segundo Peixoto, terá que ser submetido à apreciação da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU), que define a política aquaviária do país.

Já com a lancha Comdusa IX, que sofreu o atentado a bomba, governo federal, através da EBTU, é que vai bancar o prejuízo, já que, conforme explicou o presidente da Comdusa, o seguro não obre atentados. Essa lancha também tinha capacidade para 200 passageiros e está em condições de ser recuperada.

Com relação ao inquérito que apura as responsabilidades da bomba, Antônio Peixoto nada declarou, preferindo se limitar a dizer que o assunto está afeto

às autoridades competentes. "Nós temos é que colocar as lanchas em operação para atender melhor a comunidade". As duas embarcações que a Comdusa colocará para suprir as que foram danificadas deverão fazer parte de uma padronização, a nível nacional, conforme projeto realizado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) de São Paulo, a pedido da EBTU.

Essa empresa realiza projetos com base na segurança e rapidez dos transportes aquaviários e se trata do maior órgão de engenharia naval da América do Sul. Os modelos de lanchas criados por esse instituto atendem aos tipos de locais navegáveis, seja ele canal, mar, rio ou lago, de pouca ou muita profundidade. Os modelos, conforme explicou Peixoto, serão padronizados em todo o país para o atendimento das condições naturais de cada região.

MARINAS

Na próxima segunda-feira, a Comdusa realiza, às 10 horas, a concorrência pública para designar a construtora responsável pela obra de aterro, urbanização e construção de marinas — pequenas ilhas — no local onde existe o trevo, em Guarapari, na entrada da ponte. As sete firmas que participam da concorrência vão apresentar suas maquetes, os respectivos valores das obras e prazos para início e conclusão do projeto.

As empresas que participarão da concorrência foram selecionadas numa pré-concorrência, realizada em dezembro passado. São elas a C.R. Almeida, do Paraná, Cobráulica, de Campos, Estado do Rio, Esusa, do Rio, Servix de São Paulo, Ceeça, de Belo Horizonte, Minas, Andrade Gutierrez e a Empa, ambas também de Belo Horizonte.

A proposta da Comdusa para as obras em Guarapari consta de um aterro e urbanização do local, construção da rodoviária, centro comercial, áreas de lazer e espaço para construção de unidades residenciais ou mesmo edifícios. A idéia mais audaciosa, entretanto, diz respeito à construção das marinas, que são ilhas onde será feito loteamento e vendidos terrenos para residências. Essas ilhas serão ligadas ao continente por pontes ou passarelas, e cada morador terá oportunidade de possuir em seu terreno um pier para embarcações.



O sistema aquaviário absorveu a clientela dos catraieiros

Aquaviário afastou passageiros

Antes da implantação do sistema aquaviário em Vitória, em 77, a travessia da baía era feita somente pelas catraieiras, pequenas embarcações que garantiam a sobrevivência de mais de 80 famílias. Com as lanchas, os antigos frequentadores foram desaparecendo e com eles a profissão de catraieiro. Hoje, somente sete barqueiros ganham a vida com seus botes, fazendo o percurso Centro-Paul e vice-versa.

Antônio Xavier Sabino, mais conhecido por "seu Tonico" é um dos poucos que conseguiram sobreviver mesmo com a forte concorrência das lanchas da Comdusa. Há mais de 40 anos ele se dedica à profissão, e por dia não chega a faturar nem Cr\$ 500,00. Isso quando dá sol, porque quando chove os catraieiros não trabalham. "Aí é que a coisa fica feia", disse ele, um pouco desiludido.

Com 64 anos, aparentando bem

menos, forte, com a pele dourada pelo sol e muitos calos nas mãos, por causa dos remos, "seu Tonico" relembrou os áureos tempos em que o catraieiro "podia sobreviver com dignidade". A travessia nos botes, que transportam até 12 pessoas, era disputada por uma multidão de passageiros que não queria chegar atrasada ao serviço ou mesmo enfrentar os irritantes engarrafamentos que se verificavam em São Torquato, quando também não havia a segunda ponte.

Com algumas mágoas, "seu Tonico" contou que quando as lanchas entraram em funcionamento os cais utilizados pelos catraieiros foram imprensados pelos terminais aquaviários ou mesmo inutilizados, como é o caso do pier antigo da avenida Beira-Mar, que foi isolado com uma corda por estar muito próximo a o terminal do Centro, e, conseqüentemente, interditado.

Após a interdição dos cais do Centro, segundo "seu Tonico", o então governador Elcio Álvares havia prometido construir novos piers, um no centro e outro em Paul, para facilitar o embarque e desembarque de mulheres e crianças, principalmente, que são os mais prejudicados, conforme explicou o catraieiro. Isso, entretanto, não aconteceu.

Os catraieiros adoram quando chega o verão, época em que são muito procurados por turistas que querem dar uma volta na baía, que não custa mais de Cr\$ 300,00, mesmo que o bote saia lotado. Para o percurso comum, se a embarcação atravessa lotada, a passagem custa Cr\$ 10,00. Se vai com pouca gente ou apenas uma pessoa, o catraieiro precisa compensar seu esforço de remar uns 10 minutos e cobra Cr\$ 20,00, Cr\$ 30,00 ou Cr\$ 50,00, dependendo da "cara do freguês".